

## Tematização de pipa na EMEFEI Padre Francisco Silva

João Victor Oliveira Mazzucatto

Era quase o início do recesso de inverno quando eu estava no meio de um trabalho de basquete com minhas turmas. Ao caminhar pelo bairro no trecho que percorro diariamente entre a escola e o ponto de ônibus, comecei a observar o número cada vez maior de pipas dando as caras e colorindo o céu da região. Era a chegada da famosa época de pipa, em que se soma a entrada no breve período de férias com o aumento da força dos ventos (agosto é o seu ápice, quando as férias já acabaram). Vi muitos pais e alunos juntos soltando pipa no entorno da escola, além de reparar com frequência pipas presas em fiações elétricas e árvores, até mesmo em árvores dentro do pátio da escola.



No retorno das férias, quando finalizava o basquete, comentei com os colegas de trabalho, em uma de nossas reuniões coletivas (TDEP) a intenção de realizar um estudo de pipa. Dessa maneira, durante os TDEP's professores dos 4º e 5º anos abraçaram a ideia e

propuseram que fizéssemos uma oficina de pipa com as turmas, na quadra da escola e com o uso de caixa de som e microfone para orientar os alunos que não sabiam fazer a pipa. Assim foi o início do trabalho. A oficina consistiu em manufaturar uma pipa do modelo peixinho e soltar.



Ainda antes da realização da oficina, eu havia conversado com os alunos e solicitado atividade escrita e desenhos para sondar melhor o que sabiam sobre a pipa e identificar representações sobre a prática. Daquilo que ouvi e li, anotei em meu diário de campo e sistematizei os saberes em:

- tipos de linha (cerol, chilena, dente de tubarão, linha pura etc).
- tipos de pipa (peixinho, raia, flechinha, veloster, mucha mucha etc).
- as partes da pipa (rabiola, carretilha, lata, estirante)
- as técnicas da pipa (desbicar, puxão, descarregar, envergação, etc)
- e outros (pipa e o risco de matar outra pessoa, campeonato de pipa, a pipa é

tipo um avião de controle remoto, festival de pipa, desenho de homem morto na moto pela pipa).

Além disso, nas conversas sobre pipa um de meus alunos disse “eu não solto pipa porque não sou favelado”. Com esses elementos em mãos, já tinha muitos caminhos possíveis para percorrer durante o trabalho, dependendo apenas das minhas escolhas e decisões.

Primeiro apresentei para todos os alunos as partes da pipa e suas respectivas funções: a rabiola que serve para estabilizar, a armação que serve para sustentar, o estirante que serve para controlar, e a asa que serve para permitir que a força do vento a faça voar e também para conferir uma marca à pipa. Depois, aproveitei que alguém havia relacionado a pipa com um “avião de controle remoto” para contar-lhes apenas por curiosidade o mito grego de Dédalo e Ícaro. Sou afeito à ideia de que mitos e contos populares podem revelar os desejos humanos mais profundos. Argumentei que aquele mito demonstra que há muito tempo os homens têm o desejo de voar, e que a pipa é a materialização desse desejo, assim como o avião.

Em outra ocasião, quando lhes apresentava os tipos de uso da pipa ao longo da história, escrevi as palavras em negrito abaixo no quadro e retomei a mesma relação da pipa com o avião: há relatos que circulam que me permitiram categorizar os usos da pipa como **instrumento de guerra** (relatos que dizem que era usada para comunicação de um exército, que no Quilombo dos Palmares era utilizada pelos resistentes para o mesmo fim, e até mesmo nos dias atuais que é usada nas favelas para comunicação do tráfico, tal como nos apresenta o filme Cidade de Deus, de Fernando Meirelles e Kátia Lund), como **instrumento científico** (diz-se que Leonardo da Vinci utilizou a pipa para pensar em modelos de avião, e que

Benjamin Franklin a usou como auxílio quando da invenção do pára-raios), e como **brincadeira**.

A pipa não é um objeto de simples manuseio, e durante o estudo, me impressionei com a facilidade que alguns alunos tinham para construí-la e empiná-la. Qualquer erro na métrica da sua produção resulta em uma pipa que não sobe, ou então que fica “pensa” (pendendo para um lado só). Muitos alunos perceberam isso e tiveram dificuldade em praticar, o que me forçou a organizar as vivências sempre em grupos, com o auxílio de alunos que tinham mais domínio sobre a pipa. O estirante (também chamado de cabresto), por exemplo, é bem complicado. Um dia solicitei a um aluno que tinha mais conhecimento para que explicasse à turma como fazer essa parte da pipa, e que um outro explicasse como levantar.



Tendo a pipa como tema de estudo, na organização das vivências o meu planejamento era bastante frágil, porque estava sempre à mercê de uma enorme variável contingencial. Como os alunos levaram as pipas feitas na oficina embora, e na escola não tinha nem pipa e nem material para fabricá-las, eu sempre pedia aos alunos para trazerem pipas de casa. Nem todos traziam, então para organizar essas vivências eu dependia de quantos alunos traziam pipas. Quando chegava na sala de aula, antes de sairmos para o campão ou o pátio da escola,

eu contava quantos alunos tinham levado pipa, e então montava grupos de alunos, sempre tendo no mínimo um que tinha domínio da prática para liderar e orientar seu grupo.



Nessas vivências, muitas vezes eu passava pela dificuldade da dispersão dos alunos, onde os alunos que lideravam os grupos acabavam monopolizando a pipa, ao invés de orientar os outros, fazendo com que muitos se afastassem para fazer outras coisas. Precisei intervir com muita frequência para evitar esse problema da dispersão, e muitas vezes nem a intervenção resolvia. Testei, então, uma outra maneira de organizar a vivência. Fiz uma fila única com um único aluno na frente, dei a ele a função de colocar a pipa no ar, e passar para um aluno da fila. Fazendo desse jeito, alguns alunos com dificuldade conseguiram experimentar, pelo menos um pouco, a sensação de conduzir uma pipa no ar, mas mesmo assim o fenômeno da dispersão foi inevitável.



Em outro momento, o estudante que ajudou os seus colegas chegou perto de mim:

- “Eu fiquei feliz por ajudar os outros a soltar a pipa”, disse.
- “Eu também fiquei feliz que você os ajudou”, respondi.

Prosseguindo o trabalho, enquanto tudo isso acontecia, eu estudava a pipa para conseguir preparar aulas que tratassem dos conteúdos por eles elencados. É muito comum que o uso do cerol e os relos (a prática de cortar e aparar outras pipas) apareça quando o tema pipa vem à tona, característica da prática difícil de mudar, e raramente algum professor pode passar por ela sem que essa questão apareça. Lembro-me de uma das minhas alunas dizendo “não sei qual é a graça de soltar pipa”. Naquele momento, eu confesso que até eu, não sendo um sujeito daquela prática, não conseguia entender com clareza o sentido de soltar pipa. Não quis convencê-la do contrário, e pedi para que os alunos que soltavam explicassem o porquê de acharem tão legal empinar pipa. Cada um deu suas razões, e não sei se minha aluna mudou de ideia, mas eu consegui compreender que a graça da pipa está em ser uma prática coletiva, enquanto imaginava alguém soltando pipa sozinho, apenas a observando, realmente era sem graça, mas ao pensar nos combates de pipa, tudo fazia mais sentido: o relo (a prática de cortar e aparar outras pipas) é parte fundamental da cultura da pipa.

O uso do cerol e a fala daquele aluno segundo o qual “não brincava com pipa porque não era favelado” me prenderam por um tempo. Os alunos partilham da representação de que a pipa é coisa de favelado porque é um fato que a pipa está muito presente na favela, tanto que, durante o trabalho, quando eu fazia atividades de leitura da pipa com eles utilizando vídeos no Youtube, percebia-se o cenário das favelas em muitos deles. Todavia, em meus estudos não consegui encontrar nada que me ajudasse a entender a relação da pipa com as favelas, as razões e as forças que a fizeram estar naquele local, mas com o tempo compreendi a relação da pipa com a periferia, onde ficam as favelas. Essa relação também tem a ver com o problema do cerol, e ao tratar disso, tomei cuidado para ao mesmo tempo não dizer coisas como “não há nenhum problema em usar cerol, pessoal, faz parte da cultura da pipa”, nem cair em um discurso moralizante do tipo “não façam isso, é errado e perigoso”.

Pouco tempo antes do trabalho com pipas, em conversa com os pedagogos das turmas de 4º ano, soube que os alunos estavam estudando com eles, em geografia, as diferenças entre o espaço rural e o espaço urbano. Recordo-me de observar, no corredor da escola, desenhos das crianças de cada um desses espaços geográficos. Conforme ia estudando a pipa, cada vez mais me parecia evidente as relações da urbanização com ela em termos de regulação da prática. A pipa é um objeto milenar, e a urbanização tal como a conhecemos é recente, cerca de 200 anos. As cidades, desde o seu nascimento, colocaram como central o problema da circulação, queriam intensificá-la, e reduzir seus efeitos deletérios, como os crimes, as doenças, e os acidentes. É nesse contexto que a pipa virou um problema da cidade: ela atrapalha a circulação, e pode levar aqueles que estão circulando a sofrerem acidentes. Quanto mais intensa a urbanização de um local, mais hostil à prática da pipa ela será, o que resultará em forças visando a sua regulamentação, estabelecendo locais específicos para sua prática, proibindo o uso de cerol a partir de decretos, leis, resoluções, fiscalização e punições. Tudo bem, tendo construído esse raciocínio, tudo ainda era muito acadêmico, agora eu precisava organizar isso didaticamente. A proposta levou algumas semanas entre discussões, dinâmicas e vivências.

Para uma parte disso, utilizei a tradicional técnica expositiva buscando me adequar à linguagem deles, para outra, elaborei uma atividade que chamei de “dinâmica da cidade”, dividida em duas partes. Na primeira parte, falei para os alunos imaginarem que nossa sala

de aula era uma grande cidade, e deleguei funções específicas para eles: o dono do mercado, do banco, da farmácia, e assim por diante, e também aqueles que iriam ser os transeuntes dessa cidade, que foram para a frente da turma.



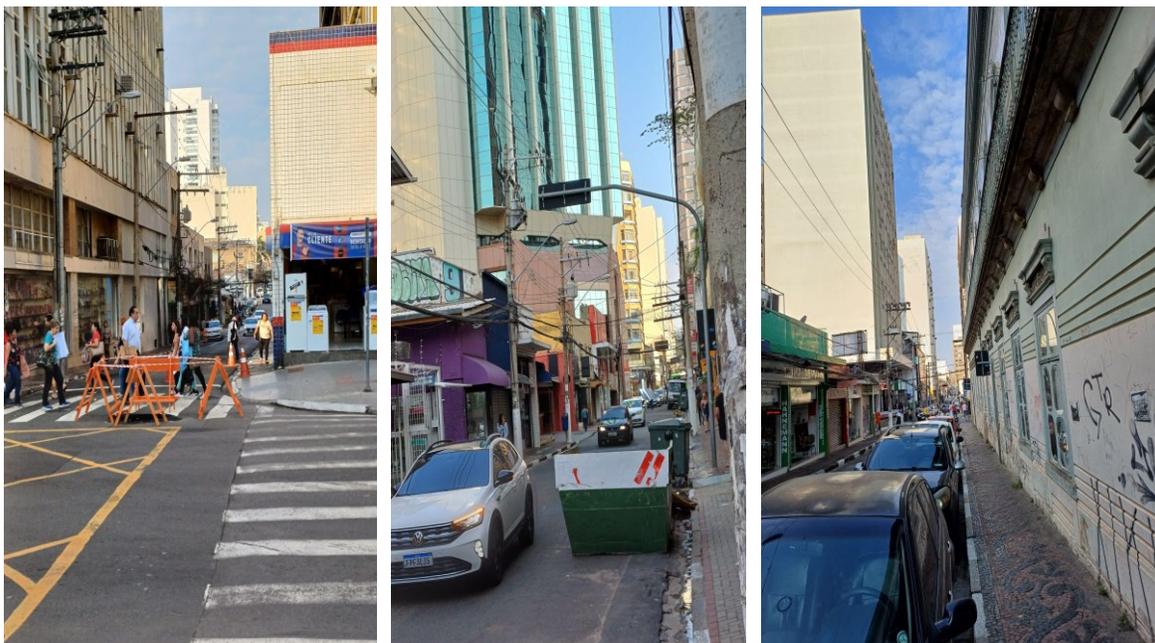
O papel dos transeuntes era circular pela “cidade” e marcar presença nos locais determinados (mercado, farmácia etc). Enquanto eles circulavam, comecei a estender pela sala de aula vários pedaços de barbante, que simbolizam linhas de pipa na cidade, criando barreiras à circulação das pessoas. Depois da dinâmica, os transeuntes relatavam como foi caminhar pela sala antes e depois das “linhas de pipa”.



A segunda parte da dinâmica não aconteceu no mesmo dia, na verdade, foram muitas aulas depois, e a inspiração que eu tive para ela veio de uma vivência. Segue o caso: um dia em que eu preparei uma vivência, entrou na sala de aula um estudante com uma “barcona” (nome de uma pipa com dimensões muito grandes) e um sorriso de orelha a orelha. Não demorou muito para que os alunos o rodeassem movidos pela curiosidade e encantamento. O dono da barcona, porém, não havia levado linha para a escola, então eu emprestei para ele uma linha 10 que eu tinha. Era um dia de muito vento, bastante propício para soltar pipa. Fomos agraciados por Bóreas, mas amaldiçoados pela Fortuna. A barcona não demorou muito para subir aos céus, e assim que alçou voo, a frágil linha 10 arreventou, a pipa rodopiou descontrolada indo cada vez mais longe, até que prendeu na copa de uma enorme árvore. Nessa hora os olhos daquele estudante já estavam encharcados, eu fiquei com pena e prometi a ele que levaria uma outra pipa na próxima aula. Terminamos a aula com a lição de que quanto maior a pipa, maior é a força do vento sobre ela e mais forte precisa ser a linha.

Ao sair da escola, fui direto para um bazar, ali mesmo no bairro, para comprar a pipa. Encontrei alguns modelos, mas nenhum chegava perto do tamanho da barcona dele. Como as lojas de pipa ficavam em outros bairros mais distantes, decidi ir para casa e procurar por lá, no centro da cidade de Campinas. “Se aqui no bairro não encontrei, por certo vou encontrar no centro, que vende de tudo”, pensei. Ledo engano, passei por várias lojas e nenhuma vendia pipa, cada vez que saía de uma loja em direção a outra ficava mais decepcionado. Já estava ouvindo o quinto “não” quando, ao sair da loja, *eureka*. Olhei em volta e percebi que lá, no centro, não haveria mesmo pipa para vender, porquanto não havia demanda. Voltei ao tema da urbanização e pensei que, quanto mais intensa a urbanização (como nos centros das cidades), menos pipas haverá. Enquanto nos centros há intenso fluxo de trânsito, de pedestres, muitos prédios e fiações elétricas, impossibilitando a prática, nos bairros e periferias existem menos restrições. Lembrei-me que o projeto anual da escola, intitulado “Memórias do Território”, mencionava o fenômeno da verticalização das cidades, porque ao lado do bairro fica a Avenida John Boyd Dunlop, na qual alguns prédios começaram a ser construídos recentemente. Assim, eu poderia articular minha prática pedagógica com o projeto da escola, e além disso, conseguiria explicar porque as pipas estão mais nas periferias (onde estão as favelas), do que nos centros.

Foi essa a inspiração da parte dois da “dinâmica da cidade”, que ocorreu da seguinte maneira: no dia que eu procurava a pipa no centro e não achei, comecei a tirar várias fotografias da cidade, nas ruas em que eu caminhava até chegar em minha casa.

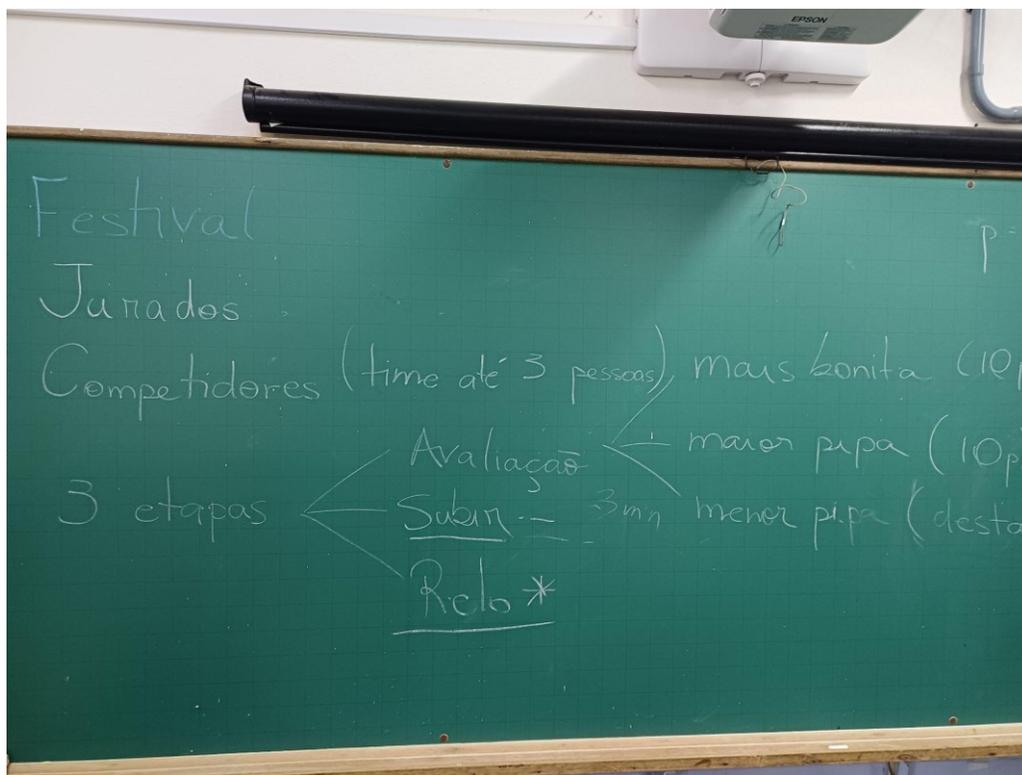


Quando tive aula com os estudantes, pedi que todos eles abaixassem a cabeça na mesa e fechassem os olhos, e que em um primeiro momento, apenas escutassem.



Coloquei no computador um som de trânsito intenso, e os deixei ouvindo por alguns segundos enquanto eu abria as fotografias. Depois pedi que eles levantassem a cabeça, observassem as imagens, e se imaginassem soltando pipa naquele lugar. Por fim, conversei com eles sobre as impressões que tiveram. As falas foram que imaginaram um carro os atropelando, que a pipa estava prendendo nos fios, que a pipa bateu na janela do prédio e quebrou, que a linha da pipa pegou o motoqueiro, que estavam soltando pipa em cima dos prédios, ou que estavam manobrando ela desviando dos fios e prédios. Realizei intervenções explicando que a urbanização e as cidades criavam formas de regular a prática da pipa, como a proibição do cerol e obrigação de empiná-las em locais específicos, como em campos abertos ou parques, e que isso era feito muitas vezes por meio de leis. Por coincidência, na cidade de Campinas, cerca de 2 meses antes, havia sido publicado um decreto para regulamentar uma lei de 2008 que proíbe o uso e comercialização de cerol. Utilizei a Lei e o decreto, como exemplo, lendo para eles em voz alta alguns trechos.

Um outro elemento importante que apareceu no decorrer do trabalho foi o festival de pipa e campeonato de pipa. Nesse ponto, uma estagiária que estava comigo desde o início do trabalho contribuiu bastante com a organização e desenvolvimento do conteúdo. Alguns alunos já haviam participado de algum festival, e no próprio bairro há uma praça chamada Pinduca, onde festivais já aconteceram. Começamos apresentando aos alunos vídeos e regulamentos de festivais de pipa no mundo, tanto os chineses (Weifang é conhecida como a capital da pipa, e acontecem festivais de grandíssimo porte), como em cidades do Brasil. Nesse momento foi possível articular os regulamentos com o que já havíamos estudado, como por exemplo a definição dos locais em que os festivais acontecem, geralmente em campos abertos e longe de espaços urbanizados. A partir dos regulamentos, definimos os critérios de avaliação que seriam utilizados em nosso festival, que ficaram em: pipa mais bonita, maior pipa, menor pipa, maior altura de voo, e desempenho em relo.



A ideia de avaliar a beleza da pipa e o seu tamanho ocorreu porque a pipa foi produto do trabalho dos próprios alunos. Como eu havia dito, uma das dificuldades do trabalho foi que eu precisava pedir aos alunos que levassem pipas. Diante disso, solicitei à escola a compra de materiais e resolvi dedicar um tempo para a confecção de pipa (depois daquela oficina), e dessa vez, elas ficariam na escola, com cada aluno colocando seu nome nas pipas prontas ou em construção. Além de dar condições para as vivências, existe outra justificativa para ter enfatizado a construção das pipas, que é a própria cultura do pipeiro: saber fazer uma pipa faz parte do seu repertório. Houve dificuldades no processo, em primeiro lugar porque confeccionar pipas é um trabalho fino, que exige muita precisão. Muitas pipas ficaram mal feitas e acabaram se tornando inutilizáveis, e até mesmo pipas que estavam aparentemente bem feitas, devido a questões aerodinâmicas não subiam na hora das vivências. De qualquer modo, o próprio ato de construir foi pedagógico, e mostrou uma outra parte da cultura da pipa.



O trabalho de confecção de pipa também permitiu pensar em ação didática para uma estudante com deficiência visual. Nas vivências da prática com essa estudante eu sempre penso em como explorar seus outros sentidos, na pipa, ao montar os grupos, pedia que os alunos que dominam o objeto levantassem a pipa, depois passassem o controle para ela, apenas para sentir a força do vento sobre a pipa e a linha. O problema disso é que a experiência durava muito pouco, segundos ou alguns minutos, e ela logo era conduzida por sua cuidadora para se sentar. Quando da manufatura da pipa, ela não fez os processos de montagem, eu dei uma atenção para ela apenas para apresentar as partes da pipa e o todo. Apresentei as varetas, a seda e a linha, explicando para ela cada um dos objetos, e em seguida, apresentei uma pipa pronta, localizando cada um dos objetos explicados separadamente, o modo de reconhecimento dela foi o tato e o olfato. Este último sentido foi devido ao fato de que as varetas de bambu têm um cheiro muito forte, algum produto utilizado para envernizar o material e dar mais durabilidade (me recordo que na sala de Educação Física da escola, onde eu armazenava os materiais, o cheiro impregnou). Assim que ela pegou na vareta de bambu, rapidamente a levou ao nariz:

- "O que você achou do cheiro?", perguntei.
- "Novo", retrucou.



Voltando para a elaboração e execução do festival, embora o rele tenha sido um dos critérios de avaliação, foram poucos os alunos que conseguiram erguer duas pipas ou mais simultaneamente e entrar em confronto. Após a definição dos critérios, convidamos os alunos que gostariam de ser os juízes do festival para os anotarem em uma folha o que deveriam observar. A primeira parte da avaliação foi feita com os alunos que quiseram participar como competidores indo à frente e apresentando suas pipas aos avaliadores.





A segunda parte foi subir a pipa, os que mantivessem no ar por pelo menos 3 minutos pontuaram (esse elemento temporal foi bastante relativizado na prática, devido à dificuldade de manejar a pipa). E finalmente, com 2 ou mais pipas no alto, era a hora do relógio, em que

pontuaram aqueles que cortaram a pipa dos outros. Pouquíssimas crianças conseguiram chegar neste último estágio.

Após a organização do festival, a estagiária que acompanhava as aulas sugeriu trazer um elemento de gênero para a discussão. Segundo ela, em algumas salas as meninas optaram por ficar em maioria na avaliação, e não participaram como competidoras do festival. Aceitei a proposta, e ela decidiu convidar uma professora da escola que tinha muitas lembranças de pipa de sua infância. A ideia de convidar a professora veio porque com o trabalho de pipa, muitas pessoas nos viam andando para cima e para baixo com materiais de pipa, bem como observavam algumas vivências com as turmas. Isso produzia encontros pelos corredores com professores e funcionários cujo assunto era a pipa, e foi nesses encontros que a professora convidada contou algumas histórias para nós: quando era criança, gostava de brincar na rua diferente de outras meninas, nunca viu graça na pipa, e seu único e maior prazer era subir sua pipa mais alto do que os seus primos, deixando-os boquiabertos.

Foi por isso que ela quis chamar essa professora, e então eu sugeri que antes da presença dela, poderíamos organizar algumas perguntas com os alunos. Explicamos aos estudantes a proposta e os orientamos a pensar em perguntas e escrever em um papel, para direcioná-las à entrevistada, e então a chamamos para a sala. As perguntas quase não foram feitas, porque a conversa ficou bem centralizada na entrevistada, em alguns momentos eu conseguia interromper a entrevistada e chamar alguém que havia feito perguntas relacionadas ao que ela estava dizendo. Me lembro que algumas perguntas lançadas foram: você usava cerol? Você já foi para algum festival? Você já deu aula de pipa? A professora disse que não usava cerol, e que nunca foi para um festival, que quando ela era criança não tinha essas coisas. Nesse ponto, eu suspeitei da resposta, e pensei que valeria entender melhor com as crianças, investigar onde ela soltava e em que época exatamente, buscar festivais e uso de cerol em outras localidades no mesmo período, e se possível investigar por que essas características da pipa não apareceram para ela na infância. Mas não fiz esse trabalho.

Já em vias de finalizar o estudo da pipa, realizei um trabalho em conjunto com o professor de Cultura, Identidade e Lugar (CIL) da escola. Todo fim de ano (não sei desde quando), a escola realiza uma festa chamada Cores, Flores e Sabores, que funciona como uma espécie de prestação de contas para a comunidade escolar dos trabalhos realizados na

escola durante todo o ano. Os professores montam murais com as atividades dos alunos, utilizam as atividades como forma de decoração da festa, e expõem essas atividades de inúmeras formas. Nos TDEP's, o professor de CIL havia comentado que estava fazendo com as turmas uma maquete do bairro, em articulação com o projeto da escola “Memórias do Território”, que seria exposto na festa na Sala de Arte da escola. A maquete teria grandes proporções, utilizando o espaço da sala inteira, as casas seriam feitas de lajotas de pedra e caixas de leite, as praças e ruas seriam pintadas com tinta guache. O resultado final ficou assim:



O trabalho ficou excepcional, e eu resolvi dar uma ínfima contribuição (havia decidido isso nas reuniões de TDEP muito antes do trabalho estar pronto), articulando o meu trabalho com pipas que tinha partido da comunidade. A ideia inicial foi estabelecer uma comunicação com as famílias, então preparei um bilhete e coleí no caderno de recado dos alunos, além de enviar via linhas de transmissão da escola (grupo de whatsapp com as

famílias). A proposta era identificar os locais no bairro onde os alunos e as famílias soltavam pipas, e apontar esses locais devidamente com um alfinete na maquete do bairro.

Família,

No mês que vem teremos nossa festa da escola Padre Silva (Cores, Flores e Sabores), onde será exposto parte do trabalho feito com os alunos durante o segundo semestre. Nas aulas de Educação Física com os 4<sup>os</sup> anos e o 2<sup>o</sup>C, estamos realizando um trabalho com pipas, e como forma de produção de material para exposição, gostaria que os pais e mães que têm contato com a cultura da pipa encaminhassem uma **fotografia** ou um **vídeo de locais no bairro da escola** (apenas quem mora neste bairro) que costumam soltar pipas, descrevendo onde fica exatamente este lugar e explicando por que consideram um bom lugar para isso. Carregue o material no local indicado neste formulário, ele será usado tanto na exposição como em discussões com os alunos na sala de aula.

\*Caso a família tenha dois ou mais filhos, responder um formulário para cada aluno.

\*Caso o formulário apresente algum erro, o material poderá ser encaminhado para o Whatsapp da secretaria, identificando o aluno e sua turma.

Atenciosamente, prof. João.

Qr Code do formulário:



O *Qr Code* direcionava para um Google Forms que eu havia montado, com campos para responder o nome do aluno, sua turma, o local da foto ou vídeo, e campo para inserir arquivo. O pedido exposto no bilhete para justificar o porquê de ser um bom local para soltar pipa seria usado por mim para discutir em sala com as crianças questões sobre o bairro. Elucubrei algumas respostas das famílias, dizendo que é bom porque não tem trânsito, porque tem bastante vento, porque é seguro, enfim imaginei coisas para serem trabalhadas em termos de segurança, topografia, pontos de encontro de praticantes. Mas apesar da boa vontade, tive muito pouco retorno das famílias, apenas 2 respostas chegaram no formulário, acompanhadas de um vídeo e uma fotografia de cada uma.



Na imagem à esquerda, as duas crianças eram das minhas turmas (irmãos), assim como a criança à direita. Os locais das imagens são perto da escola, a da esquerda é na Pedreira do Jardim Garcia (bairro vizinho), um espaço bem aberto e propício para a pipa, a da direita é a casa de um aluno na vila Padre Manoel da Nóbrega (bairro vizinho). Apesar da relevância das fotos, ambas extrapolavam os limites impostos pela maquete, e como elas foram as únicas respostas que tive das famílias e a festa estava chegando, resolvi tentar um plano B. De forma bem direta, durante um recreio, comecei a conversar com dois dos meus alunos que moravam no bairro e eu sabia que soltavam muita pipa, pedi que eles me falassem onde soltavam pipa no bairro, e anotei em meu diário de campo 3 locais: a Praça Antônio Carlos Baltazar (ou praça Pinduca), um ponto específico da rua da escola, e a sede da escola de samba do bairro Rosa de Prata.

Com esses locais em mãos, identifiquei onde estavam na maquete, já quase pronta àquela altura. Ao invés de usar alfinetes, montei cubos com papelão, e neles coleí *Qr Codes* que se apontasse a câmera do celular, levavam para o Google Maps, mostrando uma foto do local no bairro, tal como apresentado aqui na praça Pinduca:



Cubo utilizado para identificar locais na maquete

O trabalho da maquete com os *Qr codes* localizando os pontos onde as crianças empinam pipas no bairro ficou exposto durante a festa Cores, Flores e Sabores para as famílias e alunos. Com a exposição, dei por encerrada a tematização.